



Práticas parentais: um estudo sobre escolhas educativas

Parental practices: a study about child rearing choices

Fernanda Santini Franco

Heloisa Szymanski

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Brasil

Resumo

A pesquisa aqui relatada teve como objetivo realizar um estudo de escolhas educativas, de forma a descrever as dificuldades narradas por mães e pais para educar, bem como as alternativas encontradas por eles para lidar com esses desafios. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de base fenomenológica, de cunho interventivo, que teve como procedimento a realização de quatro encontros reflexivos, dois com mães e dois com homens pais. Os relatos dos 58 participantes sobre suas práticas educativas foram gravados, transcritos e analisados segundo perspectiva hermenêutica de análise do sentido. Foi possível concluir que escolhas educativas parentais que, num primeiro olhar, poderiam parecer falta de cuidado ou interesse, estão enraizadas em diversos aspectos, como dificuldades sociais e cultura familiar. Compreendê-los favorece a desconstrução de pré-conceitos e o estabelecimento de ações interventivas que considerem desafios que os pais efetivamente enfrentam.

Palavras-chave: família; fenomenologia; práticas de criação infantil

Abstract

The aim of this research was to study child rearing choices, in order to describe difficulties reported by mothers and fathers to raise children as well as the alternatives found by them to deal with these challenges. It is a qualitative, interventive, phenomenological research, that contemplated four reflective meetings, two with mothers and two with fathers. The reports of the 58 participants about their child rearing practices were recorded, transcribed and analyzed by the hermeneutic perspective. It was concluded that parental child rearing choices that, at first glance, might seem as lack of care or interest, are in fact rooted in different aspects, such as social problems and familiar culture. Understanding them helps the deconstruction of prejudices and the establishment of interventive actions to consider the challenges that parents actually have.

Keywords: family; phenomenology; childrearing practices

Introdução

Embora exista uma associação, instaurada historicamente, entre educação e escola, o fenômeno da educação é mais amplo, dado que se desenvolve a partir da relação com os outros e, portanto, é extensivo a todas as nuances da existência (Critelli, 1996). Nesse sentido, colaborando com o desenvolvimento do processo educativo está a família. Mães e pais, independentemente de qualquer formação, educam transmitindo valores, hábitos e conhecimentos.



O modo como cada família educa seus filhos tem referência em suas crenças, perspectivas futuras e na maneira como compreendem o mundo e suas vivências. Mesmo que os conhecimentos familiares não sejam sistematizados formalmente, são o resultado de experiências avaliadas historicamente no cotidiano da família (Szymanski, 2000). Pais encontram desafios na criação de seus filhos e buscam alternativas para enfrentá-los, constituindo saberes e modos de lidar com questões cotidianas. No entanto, como esse saber familiar pode não fazer parte de uma construção formal explícita, nem sempre é possível ter acesso imediato ao que contribuiu com a escolha de uma determinada prática educativa familiar. Isso pode dificultar a compreensão das escolhas parentais em relação à educação de seus filhos e muitas vezes gerar interpretações simplistas ou preconceituosas. Tomemos como exemplo pais que aplicam medidas autoritárias e são considerados descomprometidos com uma educação de qualidade. O trabalho de Ceconello, Antoni e Koller (2003) demonstra que a utilização de medidas restritivas, embora extremamente autoritárias, pode ser compreendida por alguns pais como uma demonstração de afeto e cuidado, com o sentido de estimular a autonomia responsável.

Outro aspecto que dificulta a compreensão de práticas educativas parentais é a existência de estigmas sociais referentes a determinadas populações. É o que ilustra a pesquisa de Matos e Madeira (2000) que, ao investigarem entre mães adolescentes o que é cuidar de um filho, constataram que elas sabem atender a diversos tipos de necessidades – biológicas, psíquicas ou sociais – da criança. Concluíram que nem sempre é verdadeira a afirmação de profissionais de saúde, educação e mídia segundo a qual mães adolescentes têm impedimentos ou não sabem como cuidar dos filhos. Souza e Boemer (2003) também abordaram a questão da expectativa social em relação aos papéis masculino e feminino quando investigaram o cuidado de filhos com deficiências mentais. Perceberam que os pais homens, embora participassem do cuidado dos filhos, demonstraram concepções de que a responsabilidade do cuidado caberia à mãe, associando a função de cuidar à questão da feminilidade. Lahire (2004), por sua vez, abordou a expectativa negativa que a escola tem em relação ao envolvimento parental na vida escolar dos filhos, descrevendo o que chamou de “mito da omissão parental”. Como em alguns casos as políticas disciplinares de alguns pais não são eficazes para um melhor aproveitamento no cotidiano da escola, ocorre a impressão de que existe um desinteresse por parte dos pais em auxiliar na vida escolar dos filhos. Entretanto, segundo Lahire, o que existe em muitos casos é um descompasso da cultura familiar em relação às expectativas sociais, o que gera uma aparência de indiferença.

Tendo em vista que diferentes fatores podem dificultar o entendimento, especialmente por parte da escola, acerca do modo como os pais educam, esta pesquisa tem o intuito de contribuir com a desconstrução de preconceitos sobre o (não) envolvimento da família na educação dos filhos. Partindo de um projeto mais amplo já realizado em uma comunidade de baixa renda de São Paulo, o estudo que será relatado teve como objetivo descrever as dificuldades narradas por mães e pais para educar, bem como as alternativas encontradas



por eles para lidar com esses desafios. Através dessa descrição, esperava-se também compreender algumas das propostas e/ou crenças que orientavam as escolhas parentais na educação de seus filhos.

Quando conseguimos compreender o que direciona uma escolha educativa, torna-se possível um olhar voltado para o *sentido* que embasa as ações daqueles que educam, viabilizando a realização de intervenções que vão além do âmbito teórico e consideram mães e pais em suas condições de existência. *Sentido* é entendido aqui como aquilo que nos permite dar conta de ser numa certa direção, é uma destinação, um rumo, isto é, deve ser entendido “(...) não como um sinônimo de significado, mas como uma direção, norte, como destinação. Este sentido é a base das escolhas que fazemos para ser” (Critelli, 1996, p. 98). A perspectiva que nos auxiliou nesta busca pelo sentido da escolha educativa e que se constitui como o referencial deste trabalho foi a da fenomenologia existencial. Apresentaremos muito brevemente, a seguir, alguns aspectos dessa linha de pensamento que nos auxiliaram na compreensão do fenômeno da educação parental como inserida em uma teia de relações significativas entre pais, filhos e seu mundo social e cultural.

A abordagem fenomenológico-existencial tem como um de seus principais representantes Martin Heidegger cuja visão de homem e de mundo orientou nossa compreensão. Para ele, a relação entre o homem e o mundo constitui-se condição fundamental, indissociável e privilegiada para a emergência do sentido. Para Heidegger (1927/2006), a existência se dá no mundo; o ser-no-mundo refere-se a uma unidade, impossível de ser dissolvida e que não significa “dentro de”, nem uma mera justaposição entre os homens e o mundo. Este vai além do espaço físico e concreto e “(...) não significa o universo físico dos astrônomos, mas o conjunto de condições geográficas, históricas, sociais e econômicas, em que cada pessoa está imersa” (Chauí, 1979, p. VIII). Como fenômeno que é, o mundo se mostra como “estrutura de sentido e contexto de significação (...)” (Novaes de Sá, 2006, p. 326). Cada homem habita o mundo a partir de uma trama de significação que se apresenta para ele e, mais que isso, habita um modo de se habitar o mundo, no qual “simultâneo à significação de tudo o que há, constitui-se e desenvolve-se o *sentido de ser*” (Critelli, 1996, p. 120).

A abertura do homem para o sentido se dá a partir de dimensões essenciais descritas por Heidegger como compreensão, disposição e linguagem. A compreensão não é apenas o conjunto de observações intelectuais e lógicas acerca da realidade. Existimos compreendendo: “O homem se manifesta compreendendo a manifestação (sua e dos demais entes) e, simultaneamente, pondo a manifestação e o manifesto sob sua custódia, sob sua responsabilidade” (Critelli, 1996, p. 54), no cotidiano que engloba um tempo, um espaço, uma cultura e uma história. A compreensão também não é definitiva, pois tudo isso está em constante transformação e o homem não é algo estático e terminado (Novaes de Sá, 2006). O olhar compreensivo dos homens “não é individual, exclusivo a um indivíduo (...) seu olhar é



composto por todo o referencial das relações significativas do mundo em que habita” (Critelli, 1996, p. 57).

Existe um movimento no existir e a abertura compreensiva do homem é sempre dotada de uma disposição afetiva, um estado de humor. Trata-se da coloração afetiva que faz com que as coisas se apresentem a nós de uma maneira e não de outra, levando o homem a cuidar de si ou dos outros de uma forma específica. Cuidar de ser é uma tarefa que faz parte do humano e é visível em expressões que utilizamos como “preciso ir cuidar da minha vida” ou “se não sou eu a cuidar da minha vida, quem é que cuida?”. Heidegger (1981) descreve esse cuidado consigo mesmo ou com os outros como *solicitude*. A *solicitude* é permeada pela disposição e compreensão do mundo, levando o homem à possibilidade de, em diferentes momentos, experienciá-la de diversas maneiras: sendo zeloso, tendo respeito, paciência, esperança, ou mesmo com displicência, indiferença ou intolerância. Não há nesta ideia um caráter moral e sim a noção de que somos solicitados a cuidar da existência de vários modos. Para o autor, existem dois extremos na vivência da *solicitude*. Um deles se refere a um cuidado que ‘coloca o outro no colo’, que mimar, manipula e não permite que o outro assuma seu próprio caminho. Outro, se refere a um cuidado que auxilia a crescer, amadurecer e encontrar-se consigo mesmo (Heidegger, 1981).

A possibilidade de compreender, que é constitutiva dos homens, sempre “trabalhada por uma disposição, se pronuncia como discurso (...) e das significações brotam palavras e a linguagem (...) é o pronunciamento do discurso” (Heidegger, 1927/2006, p. 219). É nessa totalidade que existe o homem: no mundo, com os outros, compreendendo, numa dada disposição afetiva, na linguagem e cuidando de ser.

Além das contribuições da fenomenologia de Heidegger, outro autor considerado importante para a discussão deste estudo é Paulo Freire. Isso porque a possibilidade de compreender a educação como um processo que estimula o desenvolvimento da autonomia e consciência crítica é explorada por ele quando aborda a questão do diálogo. Para Freire (1970), a educação é algo que deve propiciar o desenvolvimento de um pensar autêntico, aquele que vai além da mera repetição de um conhecimento ou de uma norma, algo que só é possível através do diálogo. No diálogo, os homens se educam em comunhão e não há um que sabe e outro que não sabe, mas sim uma condição de horizontalidade em que ambos crescem durante um processo educativo (Freire, 1970). Assim, para que esteja presente, é imprescindível que o diálogo se fundamente no reconhecimento da igualdade de valor entre aqueles que se relacionam. Com isso, é possível encaminhar-se para uma prática educativa em que se ensaia o assumir-se enquanto sujeito autônomo, responsável, livre, ético e criador, tornando viável que a *solicitude* possa ser vivida de forma dialógica.

As ideias de Heidegger e Freire serão eixos interpretativos no desenvolvimento desta investigação.



Método

Esta pesquisa utilizou-se dos fundamentos metodológicos da fenomenologia. Nessa visão, compreende-se que investigar é colocar em andamento uma interrogação, é perguntar o que é e como é alguma coisa (o ser de algo) (Critelli, 1996). Nessa busca, deve-se respeitar o princípio básico de “ir às coisas mesmas” e considerar que a compreensão se dá quando tomamos como referência aquilo que se mostra e para quem se mostra. O olhar de quem interroga é considerado como fator determinante para o desenvolvimento metodológico da investigação. O rigor desse método se apresenta exatamente a partir do cuidado que é necessário para ir em busca do interrogado, exigindo atenção constante do pesquisador que deve analisar os passos de sua trajetória conseguindo clareza dos fundamentos de seu modo de investigar e da visão que embasa sua pesquisa (Bicudo, 2005). Centrando-se na relação sujeito-objeto-mundo e propondo uma aproximação dos fenômenos, o método fenomenológico permite desvelar os significados das experiências vividas (Bruns, 2005).

Na busca rigorosa de aproximação com o objeto de investigação, podemos compreender o fenômeno que nos aparece, da maneira como se apresenta seu desvelar. Nesta investigação, o fenômeno tematizado – as escolhas educativas – apresentou-se em narrativas que foram elaboradas a partir das transcrições da fala de pais e mães. Segundo Ricoeur (1976/2009), quando alguém relata uma experiência para um outro, a experiência em si permanece privada, mas o significado, o sentido da experiência, é capaz de tornar-se público. Para Benjamin (1994), a narrativa é importante exatamente porque privilegia a troca de experiências. É ela que permite que o que foi vivido seja comunicável e assim, através da narrativa, temos acesso à vivência por meio da linguagem.

Quando narramos algo, além de compartilhar uma experiência, também podemos compreendê-la de outro modo a partir da fala de um outro ou do próprio processo de narrar. Isso se intensifica ainda mais na proposta em que as narrativas foram coletadas: a da realização de encontros reflexivos.

Encontros reflexivos

Os Encontros Reflexivos são um desdobramento da proposta de Entrevista Reflexiva desenvolvida por Szymanski (2002) e destinam-se a oferecer um espaço de atenção psicoeducativa no qual há uma valorização do diálogo como modo de reflexão. O diálogo privilegiado nesse tipo de grupo é aquele que parte de uma demanda levantada pelos próprios participantes, que são constantemente solicitados a explicitar seus interesses. A partir das solicitações, cabe aos pesquisadores organizar o modo como a questão será abordada, pensando em estratégias para favorecer o diálogo e a reflexão. Isso significa que os temas trabalhados nos encontros nunca surgem ao acaso, por um desejo dos pesquisadores, uma vez que faz parte da proposta trabalhar com uma questão que seja relevante para a



população participante. No caso da pesquisa aqui apresentada, os encontros reflexivos são realizados em uma comunidade de baixa renda, como parte de um projeto mais amplo de pesquisa-intervenção. Neste caso, os temas são coletados de duas maneiras: ou por representantes da comunidade que se organizam para saber sobre o que os pais desejam conversar, por meio de questionários e conversas com pais e mães de uma CEI; ou por meio do próprio encontro reflexivo, uma vez que é reservado, ao final de cada grupo, um tempo para que sejam explicitados os temas de interesse, que ficam como escolha para o encontro seguinte.

Com a definição do tema, inicia-se cada encontro com sua retomada, perguntando aos participantes sobre as questões escolhidas anteriormente para reflexão. Essa prática permite que o grupo – que pode ser diferente a cada encontro, embora seus membros pertençam ao mesmo universo: pais de crianças da creche e adolescentes do CCA (Centro da Criança e Adolescente) – retome o tema solicitado, apropriando-se dele, a seu modo, naquele momento. Como pertencem ao mesmo mundo, os temas escolhidos no encontro anterior sempre dizem respeito às experiências comuns vividas por aquela população. É permitido aos participantes direcionar seus questionamentos para caminhos não previstos e o pesquisador deve estar preparado para adaptar seu planejamento para aquilo que acontece no momento da intervenção. O planejamento inclui a elaboração de uma atividade preparatória referente ao tema escolhido, sempre na forma de jogos coletivos, *role playing*, confecção de objetos. Com isso pretende-se possibilitar, logo de início, uma experiência envolvendo corpo, interações e atividades expressivas, relativas à questão que será tema de reflexão no momento seguinte do encontro. Esse momento tem por objetivo preparar o grupo para refletir sobre suas experiências relativas à educação dos filhos e procura criar uma atmosfera que facilite a narrativa dessas situações. Realiza-se, em seguida, uma atividade de discussão em pequenos grupos em torno de uma questão desencadeadora relativa ao tópico demandado. Cada pequeno grupo tem acompanhamento de um membro da equipe de pesquisa e um de seus participantes é escolhido como relator no grupo total. Assim como na entrevista reflexiva, há aqui a preocupação de oferecer devolutivas ao longo de todo processo, isto é, dar a conhecer como está sendo compreendido o discurso dos participantes. Todo encontro se encerra com o relato de cada subgrupo, a elaboração de uma síntese, uma avaliação e a solicitação de um tema para o próximo encontro. Pode ocorrer uma mudança de tema entre um encontro e outro, que nos é informada antes do planejamento do encontro.

Mesmo com o planejamento, as interações singulares vão sendo objeto de reflexão ao longo do processo, permitindo a construção de um saber coletivo sobre o tema discutido. Considera-se a síntese como a devolutiva final, que representa a construção coletiva da resposta à questão trazida como tema para o encontro. O fato de os encontros se caracterizarem como intervenções pontuais, com começo, meio e fim bem definidos, permite o envolvimento de pessoas diferentes em cada grupo. Assim, as participações nos encontros reflexivos, que sempre são voluntárias, podem se repetir ou não.



Procedimentos de coleta dos dados

Foram realizados quatro encontros reflexivos, em finais de semana, com duração de cerca de uma hora e meia, nos quais, após uma atividade preparatória, foram discutidos os temas propostos pelos próprios participantes. Dois dos encontros foram realizados com pais homens e dois com mães. A divisão em grupos exclusivamente de homens e mulheres se deu por uma necessidade percebida na comunidade, de uma escuta dirigida especificamente à população do sexo masculino. Essa percepção só foi possível porque a comunidade em questão já participa de pesquisas-intervenção desde 1993 e, ao longo dos anos, foi explicitando uma demanda por um espaço onde também a voz masculina pudesse ser ouvida em questões relativas à educação dos filhos. Note-se que os grupos de homens pais são coordenados pelos membros masculinos do grupo de pesquisa e que, desde que a divisão foi instituída, os homens têm tido maior participação.

Os temas propostos e discutidos pelos homens pais foram: 'Como dizer não para os filhos', e 'Como explicar aos filhos o porquê dos pais homens precisarem ir trabalhar'. Os temas propostos e discutidos pelas mães foram 'Como combater o consumismo' e 'Como abordar o tema da sexualidade com os filhos'. Todos os temas surgiram de encontros reflexivos anteriores, nos quais os participantes disseram o que gostariam que fosse abordado em outro momento. Com a autorização de todos, a narrativa dos pais e das mães foram gravadas e posteriormente transcritas. Participaram dos encontros 58 pais e mães de crianças que frequentam uma creche comunitária localizada na periferia de São Paulo.

Procedimentos de análise dos dados

Primeiramente, os quatro encontros reflexivos foram transcritos integralmente. Em seguida, elaborou-se um texto síntese para cada encontro, baseado na fala dos participantes, procurando-se excluir vícios de linguagem, repetições e cortes, e trazer organização ao conjunto das narrativas. Esses textos foram lidos diversas vezes com o objetivo de permitir uma aproximação das falas e dos sentidos das práticas educativas narradas. Consideramos aqui, a partir do pensamento de Ricoeur (1976/2009), que a escrita permite a fixação do discurso para além da sua instância temporal e presente e é através dele que podemos acessar o significado da experiência referida na fala.

Resultados e análise

O quadro a seguir ilustra a distribuição dos participantes nos grupos.



Quadro 1: Participantes, temas e atividades de aquecimento

Encontros	Número de participantes		Tema do encontro	Atividade de aquecimento
	Mães	Pais		
PAIS	1	-----	20	Como dizer não aos filhos Solicitação de que os pais relembressem situações de infância em que receberam um 'não'. Discussão das lembranças em grupo.
	2	-----	8	Como explicar para os filhos a necessidade de trabalhar Discussão em duplas sobre como explicam para os filhos a necessidade de trabalhar e posterior apresentação do relato do parceiro ao grupo.
MÃES	3	23	-----	Como abordar o tema da sexualidade com os filhos Apresentação e discussão de perguntas sobre sexualidade feitas pelo grupo anterior e que geraram o interesse para que se fizesse este grupo para a discussão deste tema.
	4	7	-----	Como combater o consumismo Apresentação de recortes de objetos e questionamento de quais comprariam para os seus filhos.

Os resultados da análise foram compreendidos considerando-se o objetivo inicial de descrever as escolhas educativas parentais e aquilo que as embasam. Primeiramente serão expostas as considerações sobre os dois encontros com os pais homens e, depois, dos dois encontros com as mães.

No encontro 1 com os homens, em que foi abordado o tema 'Como dizer não aos filhos', os pais relataram que perceber o sofrimento do filho diante de um 'não' faz com que essa situação seja ainda mais difícil para eles. Essa dificuldade, comum a todos os participantes, se refere especialmente à utilização do 'não' para expressar a impossibilidade de oferecer bens materiais aos filhos. Apenas um pai relacionou o 'não' a um papel educativo, importante para alertar para situações de violência, uso de drogas ou relacionamentos com más companhias. Neste caso, considerou que a omissão pode ser mais perigosa do que a restrição. Alguns pais disseram que percebem que o 'não' também pode ser utilizado sem que haja necessidade, apenas como forma de exercer autoridade. Exemplificaram com situações em que agredem ou castigam indevidamente as crianças. Um dos participantes contou, por exemplo, a seguinte situação:

Eu saía para ir pra igreja com meu filho e ele começava a cochilar, dormir dentro do ônibus. E aquilo, sem eu perceber, eu brigava com ele. Ele dizia que tava com muito sono, que não conseguia aguentar. O ignorante então fui eu, como é que a criança não vai dormir se tem muito sono?



No encontro 2, com o tema 'Como explicar para os filhos a necessidade de trabalhar', os pais relataram que sentem dificuldade em explicar que precisam trabalhar, pois muitas vezes isso implica recusar o pedido dos filhos para que permaneçam mais tempo com eles ou para que participem de eventos familiares e sociais. Um dos participantes disse: *"quinta-feira mesmo minha filha falou comigo: pai, vai ter uma festinha amanhã na escola... vai lá! Eu quero que você vá! Eu disse: não dá, o pai tem que trabalhar e ela falou: fala com alguém pra deixar você ir..."*. Diante de situações como essa, acabam negociando com as crianças, através de agradados e promessas, para que elas aceitem sua ausência. Um dos pais exemplificou: *"Não, então eu te dou uma bala e um pirulito. Daí começa com a bala e depois vira: eu te dou a bala, o pirulito, o chocolate, a pipoca, o refrigerante..."*. Também abordaram a questão de que se sentem mais confortáveis em sair para trabalhar quando sabem que os filhos terão suas necessidades atendidas por outro cuidador. Além disso, disseram que a falta de tempo com os filhos faz com que reflitam sobre como deve ser aproveitado o momento que conseguem estar com eles. Lembraram muito de suas próprias vivências com seus pais e de situações de convívio diário com as crianças, concluindo que os filhos lhes ensinam a ser pais.

No encontro 3 com as mães, na discussão do tema sobre consumismo, as participantes relataram que o fato de trabalharem em período integral contribui para a ocorrência de concessões materiais para compensar essa ausência materna. Afirmaram ter dificuldade em dizer não nos momentos em que estão com as crianças, já que o tempo é escasso. Esta prática resulta numa satisfação para as mães ao presenciar a alegria dos filhos com um bem material, mas, ao mesmo tempo, segundo elas, fomenta o consumismo. Uma das mães disse: *"Eu sei que é errado ficar dando tudo para a criança, mas quando chego em casa e dou um presentinho pra ele, ele fica tão feliz que não tem como não dar outro no dia seguinte..."*.

No encontro 4 com as mães cujo tema foi a sexualidade, identificou-se que o modo intimidador e repressor utilizado por muitas famílias impossibilita a criação de um canal de comunicação livre dentro de casa. As mães reconheceram a influência dos meios de comunicação, que vinculam informações sobre sexualidade e estimulam a curiosidade de seus filhos. Relataram que, mesmo com essa exposição na mídia e com as informações que recebem na escola, elas têm dificuldade em abordar o assunto e mostraram-se preocupadas com a falta de um diálogo em família, o que dá margens para que os filhos aprendam sobre esse tema com terceiros. Uma das mães falou: *"Outro dia vi minha filha conversando com as amigas sobre um rapaz, era uma conversa apimentada, sabe? Aí fiquei querendo perguntar pra ela, mas morri de vergonha e desisti. Acho que as amigas vão acabar aconselhando, né?"*.

Discussão

A própria escolha do que seria discutido pelos participantes caracterizou-se como algo que já faz parte da experiência de ser pai ou mãe naquela comunidade, permitindo uma aproximação maior de seus cotidianos.



Nos grupos com os homens os dois temas puderam ser interligados, pois explicar para os filhos a necessidade de trabalhar foi entendido como dizer um “não” para a solicitação de ficar em casa com a família. Assim, em relação aos encontros de pais homens, tanto na discussão do tema ‘Como dizer não aos filhos’ quanto na discussão do tema ‘Como explicar para os filhos a necessidade de trabalhar’, foi possível perceber que os pais sentem dificuldade de lidar com situações em que são obrigados a entrar em contato com algumas impossibilidades concretas, como as suas ausências em função do trabalho ou a restrição financeira para comprar algum bem material.

Isso pode ser ilustrado em uma das falas: “... por exemplo, o amigo dele tem como, tem um certo objeto que você não possa dar. Aí você se machuca porque você não pode dar, entendeu? Tem esses tipos de não.”. Essa negação traz sofrimento ao pai na medida em que dar ao filho um bem material é poder ser provedor e demonstrar seu afeto. Como muitos dos pais participantes associaram o ‘não’ muito mais às impossibilidades, envolvidos na dimensão da ação que não poderiam realizar, isso dificultou que pudessem reconhecer o ‘não’ como um elemento importante de uma prática dialógica, que possibilita a educação e parâmetros que norteiem as ações das crianças. O ‘não’, quando contextualizado e coerente com a situação, pode se caracterizar como uma palavra autêntica que, como afirma Freire (1970), é aquela compromissada com o mundo e que é dita sem perder esse mundo de vista.

Além dessa associação do ‘não’ com uma incapacidade de prover materialmente, ele também foi associado a um autoritarismo: “Precisa só um ‘não’, só. Se ele não gostou não vai teimar, porque aí ele já sabe como o pai é.”. Neste caso, quando o ‘não’ é exercido como uma mera imposição de poder, deixa-se de ter uma relação dialógica, pois se perde a condição de horizontalidade entre os protagonistas da relação (Freire, 1970).

O fato de apenas um pai ter associado o ‘não’ a uma condição educativa foi importante no desdobramento do encontro reflexivo, pois possibilitou a abertura para uma concepção diferente da da maioria. Esse pai disse:

...o que significava o não: não usar drogas, não se envolver com violência, não andar com más companhias... tá, não se envolver com esses tipos de pessoas erradas. Esse foi o não mais importante que eu tive até hoje, dos meus irmãos e dos meus pais.

Essa fala diferenciada teve importância, pois entendemos que, na proposta dos encontros reflexivos, as intervenções, quer dos pesquisadores, quer dos membros do grupo, constituem-se como a base para que possamos construir novas reflexões e permitir a construção de novas escolhas. Isso porque consideramos aqui, a partir do pensamento heideggeriano, que a ação do homem está relacionada ao modo como pode compreender o mundo e dar sentido às suas ações.

Os homens pais também narraram que percebem que tanto suas experiências anteriores com seus próprios pais, quanto suas experiências atuais com seus próprios filhos, servem como base para que possam pensar sobre essa temática. Isso ilustra a concepção da



fenomenologia de que somos seres em relação, situados no mundo, sendo que nossas relações cotidianas e nossa história de vida fundamentam o modo como nos relacionamos e percebemos nossas interações sociais. Além disso, fica explícito também o poder da transmissão intergeracional na medida em que o que ocorreu nas gerações anteriores influencia no que irá ocorrer nesta.

Pode-se concluir, então, que a análise dos grupos de pais permite a compreensão de que dizer 'não' é um desafio para os pais porque pode ter, para eles, muito mais o sentido de impossibilidade, incapacidade e excesso de autoridade do que o de educar. Diante desse desafio, as alternativas encontradas pelos homens são, principalmente, deixar de falar 'não' ou tentar compensá-lo com bens materiais. Percebem que esse modo de lidar com essa questão se refere a condições de vida e às experiências anteriores com seus próprios pais. De um modo geral, entretanto, as ações dos pais tiveram um sentido de buscar o afeto dos filhos, mas também de garantir sua autoridade, na defesa de valores que lhes eram caros.

Nos encontros com as mães, na discussão sobre consumismo, percebemos que, de forma semelhante ao que foi narrado pelos pais, as participantes também sentem que fazem concessões de ordem material como uma forma de compensarem suas ausências: *"Você trabalha o dia inteiro, chega em casa e não quer ficar falando não pros filhos, você vai e compra mesmo."*

Essa dificuldade em lidar com uma jornada de trabalho integral e o papel de mãe é algo que nos remete à história da mulher e o acúmulo de funções ao longo dos anos. O contexto cultural, conforme aponta Szymanski (2006), faz parte do modo como se é cuidador, incorporando normas, expectativas e valores. Um primeiro olhar poderia nos dar a impressão de que essas mães se livram de sua função educativa, substituindo seu papel por bens materiais. No entanto, se explicitou que é exatamente por que são comprometidas com seu papel e reconhecem a importância do seu vínculo com os filhos que sentem sua ausência e buscam oferecer elementos compensatórios. No próprio objeto comprado, muitas vezes, percebe-se esse comprometimento com a educação. É o que diz uma mãe ao falar sobre por que compra uma boneca negra para a filha: *"Não é pela boniteza, porque eu não acho bonita, mas é para não ter preconceito. Só tem boneca branca!"*.

O ato de comprar aparece também como um dos recursos encontrados, tanto pelos pais quanto pelas mães, para poder demonstrar o desejo de poder estar mais presente na vida dos filhos. A ausência imposta pelas necessidades do cotidiano é vivida pelas mães como algo sofrido: *"É mais doloroso para os pais do que pro filho."*

Nas reflexões sobre a sexualidade, um dos elementos que mais se destacou foi o fato de que ficou explícita a influência da cultura e da história, na medida em que foi narrado que o modo intimidador e repressor das famílias de origem das mães inviabiliza a criação de um espaço de diálogo sobre o assunto. Isso pode ser ilustrado na fala: *"Morro de vergonha e sei que está errado, mas quando minha filha achou camisinha nas minhas coisas e perguntou o que era eu mandei calar a boca, fui grossa e fiquei com raiva e irritada."*



Nesse aspecto, refletem a característica humana de estarem inseridas em uma realidade que é marcada por crenças e acontecimentos do passado que influenciam nas suas compreensões de mundo tanto quanto os estados de ânimo, a disposição que leva o humano a experienciar o mundo de uma determinada maneira (Critelli, 1996).

Uma das mães afirmou: *“Esse tabu vem da época dos meus pais, a gente nunca conversava sobre isso e eu também nunca perguntei. Hoje em dia eles vêm essas coisas pelo menos na televisão”*. Diante da dificuldade em lidar com o assunto, a televisão e outros meios de comunicação apareceram como possibilidades de preencher um vazio que as próprias mães não sabem preencher. Assim, ao mesmo tempo em que a televisão aparece como um recurso para obter informações sobre sexualidade, provoca uma condição em que as mães ficam sujeitas àquilo que os filhos escutam e aprendem fora do ambiente familiar.

Pode-se concluir, então, que a análise dos grupos de mães permite a compreensão de que lidar com o consumismo é um desafio porque o ato de comprar está muito associado a uma forma de compensar ausências e demonstrar afeto. Já falar sobre sexualidade é difícil porque as mães carregam um modo repressor de lidar com essa temática. Diante dessas dificuldades, consomem mais bens materiais e permitem que meios de comunicação auxiliem seus filhos a aprender sobre sexualidade. De um modo geral, o sentido das ações das mães aproximou-se daquele dos pais, a saber, dar e receber afeto dos filhos. No tema da sexualidade, a esquiva predominou, uma vez que os tabus que permeiam seus saberes sobre sexualidade foram impeditivos para uma abordagem mais livre e dialógica da questão.

Considerações finais

Primeiramente, é importante considerar que as mães e os pais que participaram dessa pesquisa frequentaram os encontros reflexivos em caráter voluntário, explicitando nesta ação um comprometimento com seus papéis. Isso ficou claro em todo o discurso analisado mesmo em situações em que relataram as dificuldades cotidianas para implementarem suas práticas educativas. Quando relacionaram o ato de consumir a uma tentativa de amenizar tanto a ausência materna quanto a paterna, isso explicitou um compromisso dos pais com a presença na vida dos filhos na medida em que valorizavam o vínculo afetivo e sentiam que suas ausências precisariam ser compensadas. Interpretam a solicitação da criança como uma solicitação de afeto e, nessa situação, podemos dizer que esses pais vivenciaram a solicitude buscando bens que substituíssem suas ausências. Fica evidente, nesse contexto, que comprar algo para os filhos é uma forma de tentar ser um bom pai ou uma boa mãe e o sentido do consumismo é mais direcionado pelo âmbito afetivo do que pelos princípios educativos. Esse é um modo de agir que aparentemente também pode ser associado às classes médias de nossa sociedade.

Na tentativa de suprir os desejos materiais dos filhos, encontram-se como obstáculos algumas características dessa comunidade, como o fato de ser composta por uma população



de baixa renda. Tal condição exige que os pais tenham longas jornadas de trabalho e, mesmo assim, nem sempre possam prover materialmente os filhos com bens de consumo supérfluos, frequentemente veiculados na mídia e atraentes para crianças e adolescentes. Essas limitações concretas não seriam tão prejudiciais se não fossem uma das formas relatadas pelos pais de poderem demonstrar afeto e reafirmar seus lugares na relação com seus filhos. Outra forma de conviver com essas limitações seria através do diálogo. No entanto, a sensação de que os pais são devedores de algo que precisam compensar parece dificultar o estabelecimento de uma relação dialógica. O diálogo, além de poder contribuir para uma nova possibilidade de interação entre pais e filhos, é importante por permitir que a solicitude seja vivida de modo a propiciar que o outro cresça, amadureça e encontre-se consigo mesmo.

Além das limitações já relatadas na fala dos participantes da pesquisa, revelaram-se também aspectos que não são tão imediatamente observáveis, como a cultura da comunidade. A discussão sobre sexualidade apontou seus valores repressores em relação a esse assunto, indicando como esse contexto de valores, crenças e expectativas também é algo que interfere na disposição para compreender e lidar com o assunto e na construção de espaços dialógicos sobre ele. Neste caso, não discutir sexualidade com os filhos é não poder dialogar e, assim, dificultar inclusive que ocorram transformações nessa mentalidade, mesmo que seja no sentido de ter uma apropriação daquilo que se tem como valor. Entretanto, mesmo que essa falta de diálogo interfira negativamente na educação sexual dos filhos, é fundamental destacar que não representa um descaso das mães, mas sim um indicativo dos valores desse núcleo social, que na população estudada tem um sentido repressor calcado nas experiências anteriores.

É exatamente no desvelamento das escolhas de ações educativas de pais e mães que, num primeiro olhar, poderiam parecer como falta de cuidado ou interesse que essa pesquisa buscou contribuir. Quando nos dirigimos aos desafios e alternativas envolvidos nas práticas educativas parentais, encontramos também o sentido que as embasa e temos a oportunidade de desconstruir afirmações preconceituosas. Todas as limitações concretas ou abstratas apontadas não são compreendidas aqui como um impedimento para o estabelecimento de novas relações ou possibilidades de realizarem suas práticas educativas. A importância em apontá-las e discuti-las em grupos e no meio científico está exatamente em poder percebê-las e, através de espaços de reflexão, tais como os encontros reflexivos, contribuir para que ocorram transformações que favoreçam ser mãe e pai nos dias atuais, nos mais diversos contextos. Acreditamos que na desconstrução de “pré-conceitos” esteja o primeiro passo para o estabelecimento de alianças institucionais em favor daquilo que, muitas vezes, se busca de forma isolada em diferentes instâncias da sociedade: a educação.



Referências

- Benjamin, W. (1994). *Magia e técnica, arte e política* (Vol. 1; 4a ed.). (S. P. Rouanet, Trad.). São Paulo: Brasiliense. (Original publicado em 1985).
- Bicudo, M. A. V. (2005). Pesquisa qualitativa: significados e a razão que a sustenta. *Revista pesquisa qualitativa*, 1(1), 7-26.
- Bruns, M. A. T. (2005). A redução fenomenológica em Husserl e a possibilidade de superar impasses entre a subjetividade e a objetividade. Em M. A. T. Bruns, & A. F. Holanda (Orgs.). *Psicologia e pesquisa fenomenológica: reflexões e perspectivas* (pp. 57-66). São Paulo: Ômega.
- Cecconello, A. M.; Antoni, C. & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 8, 45-54. Recuperado em 04 de agosto, 2009, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000300007&lng=pt&nrm=iso
- Chauí, M. S. (1979). *Heidegger: vida e obra*. (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Duas Cidades.
- Critelli, D. M. (1996). *Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: EDUC/Brasiliense.
- Freire, P. (1970). Educação 'bancária' e educação libertadora. Em P. Freire. *Pedagogia do oprimido* (2a ed., pp. 65-87). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Heidegger, M. (1981). *Todos nós... ninguém: um enfoque fenomenológico do social* (D. Critelli, Trad.). São Paulo: Moraes. (Original publicado em 1981).
- Heidegger, M. (2006). *Ser e tempo* (M. de S. Cavalcante, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1927).
- Lahire, B. (2004). *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável* (R. A. Vasques & S. Goldefer, Trads.). São Paulo: Ática. (Original publicado em 1997).
- Matos, R., & Madeira, A. M. F. (2000). Mãe adolescente cuidando do filho. *Revista da escola de enfermagem da USP*, 34(4), 332-338. Recuperado em 01 de julho, 2009, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-6234200000400003&lng=pt&nrm=iso
- Novaes de Sá, R. (2006). As influências da fenomenologia e do existencialismo na psicologia. Em A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira, & F. T. Portugal (Orgs.). *História da psicologia: rumos e percursos* (pp. 334-335). Rio de Janeiro: Nau Ed.
- Ricoeur, P. (2009). *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação* (A. Mourão, Trad.). Rio de Janeiro: Edições 70. (Original publicado em 1976).
- Souza, L. G. A. & Boemer, M. R. (2003). O ser-com o filho com deficiência mental: alguns desvelamentos. *Revista Paidéia*, 13(26), 209-219.



Szymanski, H. (2000). A família como locus educacional: perspectivas para um trabalho psicoeducacional. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 81(197), 14-25.

Szymanski, H. (Org.). (2002). *A entrevista na pesquisa em educação; a prática reflexiva*. Brasília: Plano.

Szymanski, H. (2006). Práticas educativas familiares e o sentido da constituição identitária. *Paidéia*, 16(33), 81-90. Recuperado em 23 março, 2009, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2006000100011&lng=pt&nrm=iso

Nota sobre as autoras

Fernanda Santini Franco – Mestre em Psicologia da Educação. Doutoranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Professora da Universidade Nove de Julho (Uninove). Endereço: Rua Purpurina, 155, cj. 115, Vila Madalena, São Paulo, SP, CEP: 05435-000. – Brasil. Telefone: (11) 3462-2457. E-mail: fefranco@ig.com.br

Heloisa Szymanski – Professora doutora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Endereço: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Setor de Pós-Graduação, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação. Rua Ministro Godoi, 969 – 4º andar, Perdizes, CEP 05015901 - Sao Paulo, SP - Brasil Telefone: (11) 36708527. E-mail: hszymanski@uol.com.br

Data de recebimento: 22/08/2011

Data de aceite: 01/06/2012